



# O Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 21 de Maio de 1977 \* Ano XXXIV — N.º 866 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo \* Director: Padre Luiz

## Aqui, Lisboa!

**O** Jorge é um pequeno angolano, de cor morena e olhos tristes. A mãe, de vida marginal em Luanda, expulsou-o da sua companhia; o pai, outro semelhante, no Lobito, não o aceitou. Esteve dois anos num internato da Missão do Cubal, até aos confrontos dos movimentos em Angola. Quando prenderam o missionário, passaram dias à fome os seus companheiros. Ele resolveu dar o salto para a aventura e apareceu em Lisboa, passageiro clandestino num cargueiro. A Cruz Vermelha acolheu-o nas instalações colectivas da Quinta da Graça, ao Jamor.

Os responsáveis contactam esta nossa Casa. O rapaz vinha absolutamente carecido de um ambiente seguro e corria o risco de se perder. Não conseguiram pôr-lhe a vista, senão à hora das refeições.

Logo que conseguimos lugar em Casa, fui buscá-lo. Nas horas de espera, até à noite, dei-me conta de um pouco do grande drama que ali se passa. Gente de todas as cores: brancos, negros, mistos, asiáticos, de todo o nosso antigo Ultramar. A nossa glória ou vergonhosa desonra está ali.

Durante a última noite o vento e a chuva tinham castigado duramente o acampamento, levantando tendas, molhando pessoas e roupas, enlameando o chão. Muitos tiveram de acorrer ao velho edifício da quinta da Graça, que serve de serviços centrais de acolhimento, saúde e abastecimentos, mas também superlotado em todos os espaços com refugiados. Nessa mesma noite aconteceu chegarem mais trinta, expulsos de Moçambique; no próprio dia esperavam mais quarenta. Falei com alguns. Funcionários do Estado que fizeram contrato por dois anos de serviço em Moçambique, como única hipótese para terem cá trabalho garantido para o sustento das suas famílias. Dizia-me um: «Agora, a poucos meses do fim, por qualquer coisa, somos acusados ao grupo dinamizador e expulsos, sem nada. Chegamos aqui, nada temos. Acabou o apoio do I.A.R.N. aos retornados. E nós o que somos?» A serenidade no acolhimento e o dinamismo eficiente dos responsáveis da Cruz Vermelha são o primeiro lenitivo para a bagagem de amarguras que todos carregam.

## UMA CARTA

*«A razão de enviar o meu donativo, a que chamo também «minha oração ao Senhor», traduz para mim o desejo de dividir com os meus Irmãos mais necessitados aquilo que Deus misericordioso me dá. Durante longos anos vivi sem Fé, embora na minha juventude tivesse educação cristã. É verdade, ficou a semente e o grande amparo do Senhor ao longo dos terríveis e tortuosos caminhos que trilhei. Animou-me a procura da Verdade quando o amor humano falhou e por esse desejo profundo e pela graça de Deus, vim a conhecer os Seus santos Caminhos, que procuro viver.*

*Aqui está o que desejo do meu donativo: a glória de Deus — porque só amando o Senhor há desejo de verdadeiro amor, consumado no repartir o que é nosso com os Irmãos que precisam.*

*Que o Senhor continue como sempre a não esquecer-Se de Seus filhos e nós também fazendo por amá-LO mais em cada Irmão.»*

Desabaços de alma que aqui vêm dar. Luz que o Espírito acende em quem quer e que nós não podemos deixar «debaixo do alqueire»!

Também o nosso dar à estampa é «dividir com os Irmãos mais necessitados aquilo que Deus Misericordioso nos dá». Necessitados, todos o somos — muito! — deste bafo que o Senhor sopra servindo-Se de quem quer.

Necessidades de alma, sempre maiores e mais urgentes que as do corpo, que as dores dela também são mais ruins de sofrer. Ao corpo, em suas fraquezas, sempre a alma o pode compensar. Mas quando pelo corpo se tenta compensar os males da alma, é a ruína total.

Não é em vão que se semeia a Verdade. Podem mediar «terríveis e tortuosos caminhos...» Mas a Graça sempre os transformará em pista da Verdade. Achada esta, a Justiça realiza-se na partilha «daquilo que Deus Misericordioso dá». É uma ânsia, é o «verdadeiro amor», que só a experiência de Deus torna possível.

Obrigado, Irmão algarvio, por «sua oração» que nos anima, mais do que pela sua expressão material, pela intenção que a enche.

Padre Carlos

## Cantinho dos Rapazes

Chefes de governo dos sete países mais industrializados do mundo estiveram reunidos estes dias face à crise económica que perturba o presente dos homens de todas as nações e se levanta ameaçadora sobre o futuro.

Um problema para que estes Responsáveis não vêem solução imediata é o do desemprego, que alastra por quinze milhões de pessoas — 9% da população activa dos seus países, quando, para além dos 3%, o número é já denúncia de doença social. Nesta multidão a maioria é jovem, aquém dos 25 anos.

Neste quadro maior, avulta, pelo menos em algumas daquelas nações, o sector dos universitários que se vão formando sem expectativa de trabalho na linha da sua profissão ou ao nível da sua qualificação.

Em Itália, são 550 mil jovens diplomados com problema de desemprego. Sondagens revelam que só 15% conseguiram lugar proporcionado à sua preparação. Os restantes 85% procuram qualquer emprego, aceitam qualquer serviço... e assim entram em competição com candidatos, academicamente menos qualificados, mas talvez mais, profissionalmente — e dá-se o choque.

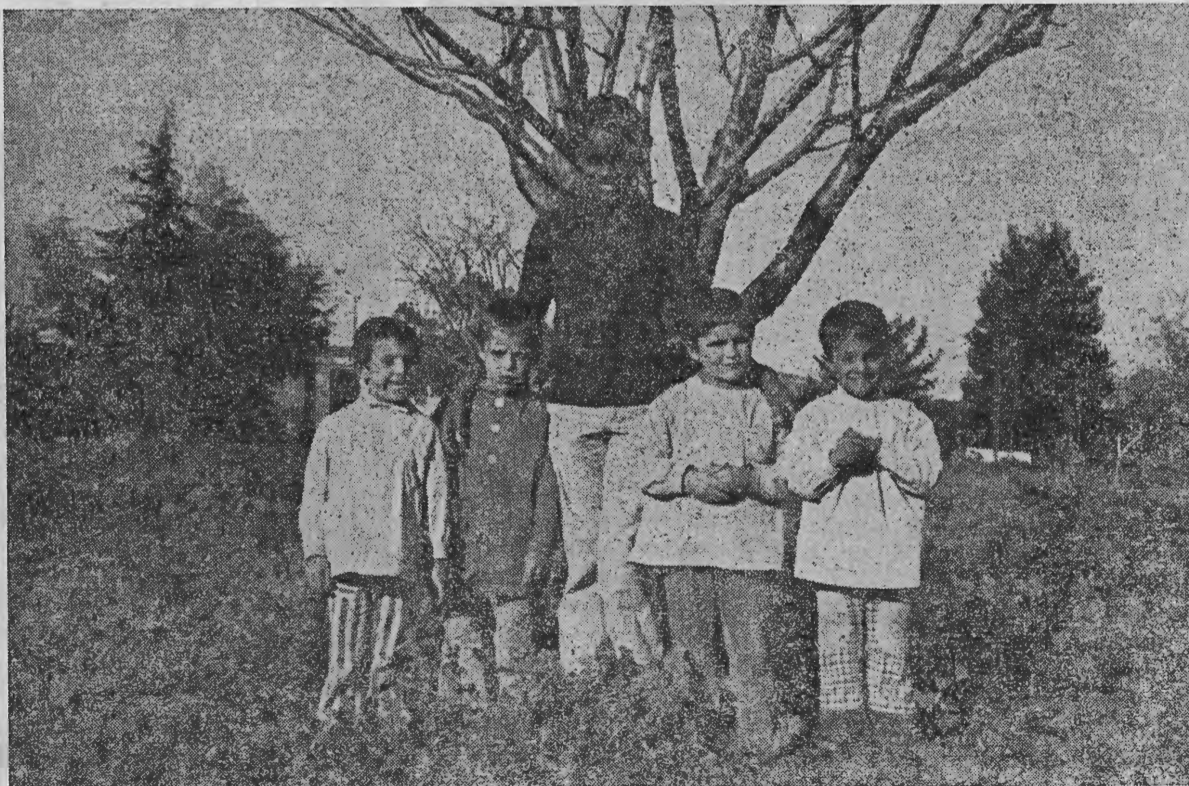
No «Correio de Coimbra», de onde colho estes dados, lê-se: «Pela primeira vez na Europa, um movimento estudantil declara guerra ao mundo operário! É a revolta, ditada pela angústia face a um futuro tapado!»

Habitados a andar na cauda da Europa, continuamos teimosos em tomar por bons os caminhos que outros experimentaram e concluíram levar a becos sem saída.

É o que dizem os jornais destes dias acerca da excitação escolar contra os exames de admissão à Universidade e o condicionamento que eles significam; contra os

Continua na TERCEIRA página

Cont. na 4.ª pág.



Alguns «Batatinhas», da Casa do Gaiato de Lisboa, com o irmão mais velho — o chefe.



# Casamentos



Matilde e Luís Costa, de Paço de Sousa



Helena e Gualdino, de Setúbal



Maria Olinda e Charrua, de Setúbal

«O casamento é o acto final dos rapazes da nossa Obra» — afirma Pai Américo. E continua: «Alguns fazem actos mal feitos. Sim, tem acontecido. Para que é que há-de a gente esconder a verdade? Ou dizer somente uma parte dela? Se assim fizesse, os leitores haviam de ficar a supor que a Obra da Rua é perfeita, e isso não é assim. O que é, não costumamos fazer aqui relatórios das coisas que me desgostam.»

Aí vão as zinco-gravuras de mais três novos lares, saídos da Casa do Gaiato de Setúbal

e da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Padre Acílio já se referiu a um dos seus. «Safu da nossa família para a sua, naturalmente, com a que agora é sua esposa. Temos fundadas razões de que as linhas de amor, da verdade e da justiça bebidas connosco ao longo de tantos anos, serão o seu ideal. Mais do que em qualquer tempo — sublinha Padre Acílio — os nossos adolescentes de hoje precisam de ver concretamente como se cresce na e para a vida.»

# Do que nós necessitamos

Pelas mãos de um Pároco que vive o seu apostolado em pleno, recebemos 600\$ e estas linhas:

«Desejo de uma Páscoa cheia de bênçãos de Deus, saúde, alegria e força para continuar a valorizar aqueles a que se dedicou e ama.

Enviamos uma quantia, insignificante na quantia, mas grande no que representa.

É o fruto da renúncia das crianças de Unhais da Serra, ao longo da Quaresma. Foram elas que decidiram mandar para a vossa Obra, depois de lhe termos falado dela. Aceitai este gesto, que julgo grande diante de Deus e rezai por elas, para que cresçam para a vida sabendo sempre pensar nos Outros.

Em nome destas crianças cumprimenta-o com amizade...

Para elas, o testemunho do nosso carinho e um beijo agradecido e que o Senhor as guie sempre.

Cento e cinquenta escudos

da Figueira da Foz. Mil e camisolos, de Famalicão. Mais 50 francos, do Porto. Cem escudos de Maria Capela. Outros 100\$, de Idalète Carvalho. Mais 100\$ de Ausenda da Quinta. Cinquenta de Maria dos Anjos. E Rosa Maria com 300\$. Cheque de 1.500\$, de Agostinho Monteiro & C.ª Lda. «Alguém que quer vir a ser vosso amigo», com 50\$. Cremos ser dum estudante a nível superior, esta oferta. E mais 100\$, julgo ser da mesma pessoa: «Uma vez mais queremos estar convosco. Aceitai-nos no vosso meio, amando-nos». Com gratidão vai, para os nossos amigos, a nossa amizade e reconhecimento.

Mais os habituais 100\$ em selos, que todos os meses nos chegam da Amadora. Quinhentos escudos da Foz do Douro. «Dois irmãos unidos», com 400\$. Por alma de Eduardo Lagôa da Fonseca, 520\$. Ass. 32402 com 250\$. Da Sapataria Danilo, 200\$. De José S. Pinheiro, 500\$. Albertina Tavares com 70\$. Da Escola de

Margaride — Felgueiras, 540\$. Benjamim Costa com 200\$. Da Comissão do Nicho a N.ª S.ª da Conceição, do Mercado do Boalhão, 6.000\$. Anónima de Sardoal, com 500\$. Do Avô da assinante 13047, 500\$. Amigo do Fundão, com a presença mensal de 250\$. «Pelas melhores do Américo», 50\$+100\$+50\$+60\$. Ass. 16264, com 720\$. Pela mão da Recoveira do Bairro da Pasteleira, 760\$.

Os anuais 25 litros de azeite, de quem, há longos anos, nos presenteava com tal dádiva e faleceu há dias. O Senhor o tenha à Sua guarda. E 257\$50 de Funcionários da Marinha Mercante. Cento e cinquenta da Calçada da Estrela. Cem da ass. 31967. Roupas de Moura e Chamusca. De Amaranite, «Avó muito amiga», com 500\$. Lisboa com 150\$. De Severino, 1.000\$. Da R. do Bonjardim, 500\$. «Casal amigo de D. António Barroso», com 500\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$+50\$. «Avós de Sintra» com 150\$ e três emprulhos com vestuário. Duzentos de Mesão-

# Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

exames em geral e a tudo que seja prova de competência. Para que serve a lição da Itália, país com algumas afinidades em relação ao nosso e, todavia, com recursos incomparáveis que o situam entre os sete mais industrializados que ora se juntaram em Londres?!

Esta confluência de notícias que tanto bulem com a geração agora a lançar na vida e mais, talvez, com as gerações que virão a seguir — não vo-la sublinho eu como visão pessimista a amargurar os nossos dias. É a realidade que temos de encarar em primeiro plano, a que não podemos fugir. Nada ganharíamos se o tentássemos.

Todos estes acontecimentos chamam o Homem de hoje a uma necessária e urgente conversão à dignidade fundamental do trabalho. Por mais humilde que pareça ou seja, é sempre um serviço do Bem-Comum. Quem o realiza, é membro útil, honrado e respeitável da comunidade a que pertence. Pode até ser um diminuído físico ou mental... Pois pelo trabalho se torna um cidadão válido; e a sociedade deve-lhe esse reconhecimento e todas as condições para ele conservar e desenvolver a sua validaz.

Mas o ponto que estes problemas à escala mundial põem e eu quero acentuar, é a necessidade da valorização pessoal até aos limites da possibilidade de cada um.

Temos vivido entre a doutorice que não quer sujar as mãos e o primarismo cultural dos que se ocupam em profissões manuais. Se é que se pode falar em profissões manuais...? Não sei de nenhuma que não exija participação da cabeça, a menos que o homem se resigne ao papel de autómato.

Há inflação de candidatos a doutor na sociedade portuguesa. Reserve-se este caminho aos mais dotados, para quem seria amputação não ver proporcionado voo nas alturas que lhes são proporcionadas. Não há o perigo destes serem demais! Mas abandonemos igualmente aquele critério suicida de que para as artes e ofícios não é preciso cultura.

Pois não será muito mais conveniente que todos os que são capazes de tal, tenham oito anos de escolaridade obrigatória (da qual não saiam pouco menos que analfabetos, como vem acontecendo...) e, com essa base cultural, se dêem ao exercício da arte que já cultivam ou vão agora aprender? Não abraçarão assim mais conscientes, não só do que fazem, como do papel que desempenham na sociedade maior que complementam? Não produzirá esta consciência o progresso profissional e a aprendizagem permanente de que hoje tanto se fala e o nosso Povo há muito mais tempo com o adágio «aprender até morrer»?

Apesar do envolvimento sombrio que os Responsáveis das Nações não podem ignorar nem calar, continuo a acreditar nas possibilidades do homem que se não deixa adormecer. Ele é o valor a que os outros valores se submetterão se ele for decidido a submetê-los.

Assim seja convosco.

Padre Carlos

-Frio, por alma de Francisco d'Almeida e Gracinda d'Almeida. Da cunhada de D. Ernestina, 500\$. Dum aumento de ordenado, 621\$50, da assinante 26906. Mais 150\$ de Ovar. Em acção de graças, por ter conseguido emprego, 2.000\$. Anónima de Veruniging, com 10 rands e muita amizade.

Duas encomendas com roupas, de Isabel Carvalho Rodrigues, pelas mãos de senhora amiga, de Vilar Formoso. Das costureiras do Hospital de S.to António, 1.520\$, um saquinho preparado com muita amizade, como vem acontecendo há muitos anos. Por alma de Isabelinha, 70\$. De Américo Costa, 500\$. De Lisboa, 4.000\$. Ass. de Sassoeiros com 500\$. De uma promessa, 100\$ de Mação. Em acção de graças a Pai Américo, 5.688\$. Cheque de 1.500\$ da Guarda, de um aumento de or-

denado. Cem escudos «pequena lembrança de Xandra do Porto». De uma promessa, 500\$ de Braga. Anónima com 300\$. Do Pessoal da Marcotex, 607\$50. De alguém que se lembrou desta Casa no dia de S. Tomás de Aquino, um cheque de 10 contos. Das crianças da Missão Católica de Hannover e fruto dum peditório, 48 marcos.

De «Uma Mãe Alentejana» e em cumprimento de uma promessa, 1.200\$, proveniente da primeira pensão de sobrevivência. Celeste com 100\$. Pelas obrigações de Santos Moreira, 500\$. Por uma intenção, 160\$ de Manuel D. Mendes. De Caldas de Moledo e em cumprimento dum promessa, 2.000\$. Maria da Saudade com 200\$.

Cont. na 4.ª pág.

# A FOME

## é uma causa da mortalidade infantil

Por iniciativa da delegação da Sociedade Portuguesa de Ciências Médicas, e com a colaboração do Centro de Estudos de Nutrição do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, houve uma mesa redonda sobre «Política nacional de alimentação da população portuguesa».

Fizeram comunicações diversos peritos na matéria. Afirmou-se, em determinada altura, que a «má nutrição, em Portugal, é mais uma questão de distribuição que de carência alimentar», pois que o nosso País — segundo avaliaram — dispõe de alimentos suficientes para prover à nutrição, pelo menos na maioria dos elementos essenciais.

Em maré de crise, nacional e internacional, aqui temos uma boa notícia!

«Apesar disso — sublinharam — a fome continua a ocupar um lugar destacado nas causas da mortalidade infantil no nosso País», para além de justificar ou facilitar muitas afecções que acabam por revelar-se na adolescência e na juventude.

O diagnóstico é evidente, na maioria dos nossos Rapazes, chegados da Rua. Somos testemunha.

Mas, quem anda debruçado noutros serviços comunitários, mau grado a sua ignorância científica, também confirma as afirmações ou conclusões dos peritos. Sobretudo, e paradoxalmente, nos meios rurais! Até mesmo em agregados onde, apesar de e por causa de pequenas fortunas que mensalmente entram portas dentro, as crianças são vítimas — as maiores vítimas — da má nutrição!!

Uma vez, num curso de preparação para o Matrimónio, vulgo CPM, aventou-se a hipótese, remota, de alargar o trabalho específico dos cursos à preparação completa dos noivos, sobretudo das futuras mães...

Não tenhamos dúvidas, o problema é gravíssimo em todos os domínios. Não falando, já, da absurda má distribuição, geral ou sectorial, a nível mundial — motivada pela lei da oferta e da procura. São cometidos monstruosos crimes em prejuízo da Humanidade. Mas isso são contas doutro rosário!

Júlio Mendes

Aconteceu termos tomado contacto com a actividade social de duas paróquias perto do Porto. A de Alfena com o seu Centro Paroquial e a de Campanhã com a Associação Nuno Álvares. Foi para nós extremamente agradável este conhecimento. Estivemos com a nossa Festa nos seus salões. Foi em festa que nos receberam e de lá trouxemos o testemunho de generosidade de todos os que colaboram em qualquer daquelas organizações.

Em ambas verificámos a existência de um Jardim Infantil. Se nos lembrarmos que a maior parte das mães trabalham fora de suas casas, compreendemos que as escolas dedicadas aos mais novos são um apoio necessário e eficiente às famílias. Em Alfena, onde por conveniência da nossa «tour-née» nos demorámos mais, pudemos até estar um pouco com as crianças que frequentam o seu Jardim Infantil e contactar com as condições do seu funcionamento. Vimos, pois, como conseguem manter a escola a funcionar, com mensalidades muito menores do que as necessárias para fazer face às despesas que comporta. Isto é possível porque, quase na totalidade, os que se dedicam aos trabalhos do Centro Paroquial de Alfena o fazem sem receber qualquer recompensa material. Assim, todos os que fazem funcionar a sala de cinema — projecionistas, porteiros, arrumadores, encarregados de bar — o fazem gratuitamente, e os lucros conseguidos vão suprir o déficit da actividade assistencial.

Em Campanhã soubemos de toda a atenção que dedicam aos problemas da Terceira Ida-

# REFLECTINDO

de e do carinho e dignidade com que se preocupam no amparo a esta idade.

Por falta de tempo não tive oportunidade de tomar conhecimento dos outros ramos de actividade da Associação Nuno Álvares.

No Mundo frágil em que vi-

vemos precisamos de lições, de testemunhos de boa vontade. Por isso à nossa caravana fez bem estar no Centro Paroquial de Alfena e na Associação Nuno Álvares da Paróquia de Campanhã.

Padre Abel

## Aqui, Lisboa!



Cont. da 1.ª pág.

Havia ali ainda uma sala armada em capela. Calmamente se desfez o altar, retirou o Cristo da parede e estenderam colchões no chão. Apeteceu-me suplicar que deixassem o Cristo no seu lugar. Ele não tira a cruz de cada um, mas ajuda. E bem poucos são os que ajudam estes Irmãos nossos numa hora de tanta angústia. Nunca saboreei tão bem as palavras do emblema da Cruz Verme-

lha: «Inter arma Caritas», no meio das armas o amor; no rescaldo do ódio, corações a sangrar pelas vítimas inocentes. Cruz e coração fundidos num só; por isso é a Cruz Vermelha.

Mas têm continuado a chegar: uns presos há muito, outros agora expulsos, outros vêm com medo do pior. Ouço dizer que também começaram a chegar os «vendedores da nacionalidade». Que brinde escarninho à Pátria Portuguesa faz o governo de Moçambique!

Apelos vários são feitos para obtermos à crise económica e evitarmos a miséria e a fome que nós próprios estamos a provocar. E que fazer a estes Irmãos lançados a uma miséria imerecida, verdadeiros credores públicos não só dum acolhimento negado num lavar de mãos irresponsável, mas também do nosso respeito e justiça por compromissos assumidos no processo de descolonização?

Tratados são papéis, afinal!

Padre José Maria

# Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

Sufragando a alma de Margarida Rosa Soares da Silva, 500\$00 da firma Soares da Silva & C.ª. Mais um primeiro ordenado de um filho, entregue na Festa de Aveiro, 4.040\$. Mais 500\$, também entregues na mesma Festa, dos Padres da residência Episcopal. Cem de Rosa. De José Flores e Clara, três presenças de 70\$ e mais 10\$ por alma de Alexandrina. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 200\$+100\$+100\$. De Olivais-Sul, 500\$. Dois irmãozinhos, uma de 4 e um de 6 anos, no dia do seu aniversário, lembram-se de nós com 100\$ cada. Bem hajam pela lembrança e o Senhor vos acompanhe sempre pela vida fora.

Pelas mãos das filhas da ass. 10737, que Deus tem, 6.000\$. Maria Angelina com 100\$. A.R.R.C.B. com 500\$ de promessa. De Fonte do Vale-Val-

bom, 200\$ de uma graça. Duma mãe de Matosinhos, 100\$ por duas vezes, por alma de Rogério. Trezentos de Maria do Céu. Mais 100\$ da nunca esquecida «Avó de Moscavide». Um relógio e 100\$ do Porto. As habituais presenças da «velha assinante» do Monte Estoril, com 200\$+100\$+200\$. Os silenciosos 120\$ de Valadares. Quinhentos escudos de Coimbra. De Olhão, por alma de José António, 100\$. «Por alma de meus queridos Pais», 100\$ de Lisboa. Duzentos e cinquenta da Figueira da Foz. Dum redactor de «O Comércio do Porto», 100\$. Ass. 22960, com 300\$. Peditório na Missa da tarde, em Monção, no dia da nossa Festa, feito por iniciativa do Rev. Pároco, rendeu 618\$. Ass. 12451, com 300\$, e pena de não ter ido à nossa Festa no Coliseu. Em sufrágio de Manuel dos San-

tos, 120\$. Duma paroquiana de Vilar do Paraíso, pelas mãos do seu Pároco, 200\$. Maria José com 500\$. De Alunos e Professores das Escolas António Maria dos Santos, de Penafiel, 432\$50. Cheque de 2.400\$ de Lisboa-5. De Iria Cardoso, 120\$ por uma intenção particular. Quinhentos da Lecista da Figueira. Quatro mil de Mora, por alma de Maria Laura. Quinhentos de S. João da Madeira. Assinante do Rio de Janeiro, sufragando a alma de Belinha, com 15.000\$. Excurso da Cruzada de Mafamude, com 490\$. Mais 100\$ do Porto. Da Covilhã, de quem aparece muitas vezes, 160\$+100\$+100\$. Mais dois cheques de 3.000\$ cada, da Rua António Cardoso. E tudo o mais que nos chega do Espelho da Moda ou entregue no Lar do Porto.

Deus vos pague.

Manuel Pinto

## FESTAS

### ZONA CENTRO

26 de Maio — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA

27 » » — Império Cine-Teatro — LOUSÃ

29 » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

### ZONA SUL

19 de Junho — 11 h. da manhã no MONUMENTAL — Lisboa

Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Montepio Geral; e Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13.

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa